

06/12/2019

O menino que limpa para-brisas

Fabritzio Fävasch Rodriguez

[Ativista Social e Sindical. Observatório do trabalho latino-americano]

Desde que voltei de Roraima, onde fui observar a questão dos venezuelanos em busca de trabalho e esperança, por ofício, tenho acompanhado as taxas de desemprego aqui na Colômbia, comparando-as com as da América Latina e Caribe. Segundo a OIT [Organização Internacional do Trabalho], com uma [informalidade na região](#) em torno de 50%, algo próximo de 140 milhões de pessoas, os números me torturam. Acostumado a eles, afinal são meus auxiliares nos argumentos e relatórios de meu trabalho, parece que cansaram de mim e passaram a me torturar.

Será vingança? Talvez eu tenha abusado demais deles para embasar minhas *tonterías* de querer mudar o mundo usando-os. Com essa justificativa me invade a certeza: os números estão se vingando de mim. E, pior, cruelmente!

Até porque sempre serviram aos déspotas e governantes mentirosos e hipócritas para manterem seus podres poderes à la Caetano Veloso. ... *“construímos 15 escolas, entregamos 123 casas, criamos 417 empregos, fundamos 12 creches, desapropriamos 8 terras improdutivas...”*

Depois que descobri que números manipulados são a razão de manutenção dos podres poderes, eles passaram a zombar de mim, tripudiar. Querem, definitivamente me humilhar. Mas eu também sei me vingar. Aponto meu dedo na cara deles! A mesma OIT contabiliza 20% de jovens que não estudam nem trabalham. Nesse grupo, a informalidade é maior - 60% -, chegando em alguns países a ser três vezes maior do que no grupo adulto. Se a OIT diz que 8% de desemprego na região é o maior nos últimos 10 anos, aí me tocou um alerta vermelho. Ora, se na Colômbia é 10% e no Brasil 13% - meus países queridos - meu coração me diz que eu preciso me rebelar, antes que os números me estrangulem sem dó nem piedade. Resolvi livrar-me de meus algozes. Liguei p'ro Marcelo, meu amigo-irmão brasileiro: - *Mano, vou passar uma semana aí com você, preciso falar...* Contemporâneos e aspirantes das mesmas causas, quando volto ao Rio de Janeiro, fico em sua casa na Tijuca, próximo ao Morro do Borel. Quando ele vem à Colômbia, seja em Bogotá ou Medellín, ficamos juntos.

Marcelo, assistente social, se tivesse vivido como vive hoje, na época da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), teria sido triturado, testículos arrancados, olhos perfurados, e jogado cuspidado na cara em algum forno de cimento da Votorantim. É um combatente da justiça em último grau. Abraços, chopp e vodka no OTTO na Rua Uruguai, o motivo de “minhas férias” de uma semana - números que me perseguem e desemprego - passou longe.

Flamengo, tiro na cabecinha, óleo nas praias, ministros malucos, Posto Ipiranga, Chile, Bolívia, Dias Tófú(oli), milícias, Queiroz, inauguração de partido fascista negando o fascismo, saímos de lá com água no joelho (não para ir ao banheiro, mas da lavagem da calçada). Sei lá que horas. Dia seguinte (22/11/2019), cabeça pesada, eis que recém evadido da Colômbia para uma simples semana de férias, sou surpreendido com a notícia: greve geral na Colômbia, milhares marcham contra o governo. Sinceramente, prefiro não tocar nesse assunto por aqui - as razões são as mesmas - ganância do capital e reformas que penalizam os de sempre: trabalhadores e miseráveis. Quando Marcelo me chamou e me provocou pela situação colombiana, perguntou: e aí, você aqui e seu país pegando fogo, não vai fazer nada?

Respondi que havia chegado ontem e queria curtir o Rio. Depois, sabe-se lá quando, conversaríamos sobre isso.

Eu só conseguia pensar que a América Latina era uma panela de pressão e ninguém saberia, hoje, dizer, como isso ia acabar. Talvez eu estivesse no centro da panela: o Brasil. Eu queria tomar um banho de mar, mesmo com a frente fria, e beber mais. No caminho, eis que surge o motivo desta coluna: o menino que limpa para-brisas. Marcelo parou o carro no sinal luminoso ao lado da antiga estação de trem da Leopoldina. Levei um susto com aquele jato de água meio turva no para-brisas, justo em minha direção. Meu ombro recuou como se eu tivesse levado um tiro de AK-47. Marcelo tirou uma moeda de algum lugar e perguntou p'ro menino como se chamava. *Diogo*. Está tudo bem com você? *Tá*. Conversa comigo um pouco? Diogo balançou a cabeça de cima p'ra baixo (uma vez só). Na chafurda de automóveis, Marcelo conseguiu encostar o carro com Diogo o seguindo. Você tem quantos anos? *Nove*. Casado? Diogo riu. Mora onde? *Anchieta*. Com quem? *Minha 'vó*. É feliz? *Sou*. Vai na escola? Diogo abaixou a cabeça. Joga bola? Diogo riu de novo e falou: *jogo muito*. Onde? *Anchieta*. Mas tem algum lugar? *Na rua*. Você tem mãe? Balançou a cabeça de cima p'ra baixo (uma vez só). E não mora com ela? Balançou a cabeça de um lado p'ro outro (uma vez só). Por que?

Balançou o ombro direito e botou o beijo de baixo em cima do beijo de cima. E pai? Balançou a cabeça de um lado p'ro outro (uma vez só). Conhece ele? Balançou a cabeça de cima p'ra baixo (uma vez só). E não vê ele? Balançou a cabeça de um lado p'ro outro (uma vez só). E sua mãe, você vê? *Na Natal*. Ela lhe dá presente? Diogo abriu um sorriso que até então eu não imaginava que poderia sair dele. Foi quando eu vi a sua beleza, olhos brilhantes, dentes branquíssimos, na hora pensei no sol. Mas o tempo no Rio de Janeiro estava nublado. Marcelo continuou. Você está sempre aqui?

Balançou a cabeça de cima p'ra baixo (uma vez só).

Posso voltar aqui p'ra conversar com você? Balançou o ombro direito e botou o beijo de baixo em cima do beijo de cima. Foi quando alguém gritou: *Diogo, que porra é essa?*

A água do Leme parecia gelo derretido. ■■■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.